

# Contos e crónicas para ler em casa

Coordenação:  
Eduardo Quive  
Mélio Tinga



LITERATAS



Contos  
e crónicas  
para ler  
em casa

*Contos e crónicas para ler em casa,*

Agnaldo Bata, Alerto Bia, Álvaro Taruma, Dany Wambire

David Bene, Eduardo Quive, Elton Pila, Hélio Inguane

Hermínio Alves, Leonel Matusse Jr., Matiangola, Mélio Tinga

Pedro Pereira Lopes, Venâncio Calisto, Virgília Ferrão

Copyright © 2020, Autores e Literatas

Reservados todos os direitos para esta edição

Coordenadores: Eduardo Quive e Mélio Tinga

Design da capa e paginação: BROKEN – Agência Criativa

1ª Edição, Março de 2020

Revista Literatas

[r.literatas@gmail.com](mailto:r.literatas@gmail.com)

Maputo - Moçambique

[www.literatasmz.org](http://www.literatasmz.org)

# Contos e crônicas para ler em casa

Agnaldo Bata I Alerto Bia I Álvaro Taruma I Dany Wambire  
David Bene I Eduardo Quive I Elton Pila I Hélio Nguane  
Hermínio Alves I Leonel Matusse Jr. I Matiangola I Mélio Tinga  
Pedro Pereira Lopes I Venâncio Calisto I Virgília Ferrão

**LITERATAS**

# Sumário

Ou talvez, uma nota de abertura .....	8
<i>Eduardo Quive</i>	
Os txobobos da dona Maimuna .....	12
<i>Agnaldo Bata</i>	
o ardina de sapatos gastos.....	19
<i>Alerto Bia</i>	
A Arca Perdida .....	23
<i>Álvaro Taruma</i>	
Esperança, a mulher que tricotava amizades .....	27
<i>Danny Wambire</i>	
A filosofia por trás da repetição .....	33
<i>David Bene</i>	
A crónica que nunca escrevi sobre meu pai.....	39
<i>Eduardo Quive</i>	
Segundo acto.....	43
<i>Elton Pila</i>	
Ele também graduou .....	46
<i>Hélio Nguane</i>	
Quando a manhã nos tira folga .....	50
<i>Hermínio Alves</i>	
Dívidas ocultas .....	55
<i>Leonel Matusse Jr.</i>	
Jasmins e Chambre.....	60
<i>Matiangola</i>	
Um assalto ao café .....	67
<i>Mélio Tinga</i>	
Profecia em curto prazo .....	73
<i>Pedro Pereira Lopes</i>	
Duplo suicídio .....	78
<i>Venâncio Calisto</i>	
#    Marcas, meticais e outras complexidades humanas.....	83
<i>Virgília Ferrão</i>	
Notas biográficas .....	89

# Ou talvez, uma nota de abertura

*Eduardo Quive*



O mundo está em alerta, agora mais do que nunca, a humanidade foi atacada no seu núcleo, na sua condição de ser social. Isto numa altura em que o Homem já estava a perder alguns valores nesta esfera das tecnologias que inventaram as redes sociais que substituíram os afectos reais, físicos, o amor presencial e compartilhado, a amizade solidária, enfim, a presença do outro, o diálogo frontal, olho nos olhos. Havia uma espécie de robotização do ser humano a exacerbar-se ou talvez já exacerbado. Agir e depois pensar, fazer e depois analisar a utilidade, enfim, pensar que é pensar mesmo, só depois de alguma coisa, nunca antes. O silêncio, a paragem, a hibernação, era imposto pelo infortúnio da nossa fragilidade enquanto máquinas: quando se apaga a luz, quando o celular descarrega a bateria, quando o televisor avaria, quando nos acabam os megabytes, enfim, o momento de pausa é dependente do outro, quase imposto, porque afinal, por nós mesmos nunca.

Tudo isto deve nos levar a pensar na nossa condição. Na vida como uma coisa finita, tão rápida quanto passageira e por isso nos impõe fazer o essencial quanto o absurdo. O que importa realmente?

Em tudo isto a arte deve ser o único elemento que nos

convoca à contemplação, ao silêncio, a sensações mais naturais e genuínas, ao pensamento e ao extravasamento. E entre o essencial e o absurdo, a existência fica menos dolorosa quando se abre um poema, quando se abre uma página à nossa frente.

Neste momento em que prefiro chamar de crise de nossa (in)existência, muito já vai tarde para mudar os nossos hábitos, provavelmente não seremos mais os mesmos, depois de tanto tempo a por em prova as nossas promessas de amor ao próximo, as nossas promessas da nossa própria personificação.

Tudo isto, lá está a repetição, deve nos levar a pensar na nossa condição. Uma vez vivos talvez não nos importe saber o que é a vida, mas uma vez vivos, nos importa compreender as razões das acções que nos movem. Para já a nós, como Revista de Artes e Letras, move-nos ao trazer esta colectânea de “Contos e Crónicas para Ler em Casa”, a ideia de que não morremos hoje, e que ficar em casa não é o último recurso neste momento de crise e muito menos um sacrifício, é uma oportunidade para a introspecção que nos falta, para os afectos, contemplação, silêncio, sensações mais naturais e genuínas, pensamento e ao extravasamento. Talvez depois disto sim, a vida nos permita ser o que a nossa natureza ainda nos esconde.

Ler em casa, deve ser um acto de prazer e de cura, de companhia e de viagem, por não há paredes que tranquem a palavra imagina e recriada. E quando terminada a leitura

deste livro, leia mais livros, leia outros livros. Quanto te cansares de ler mais livros e outros livros, vá por este caminho: [www.literatasmz.org](http://www.literatasmz.org) encontra o que procura.

E boa viagem.

# Os txobobos<sup>1</sup> da dona Maimuna

*Agnaldo Bata*

---

<sup>1</sup> Biscoitos de coco, leite e trigo.

Da loja onde eu trabalho conseguimos, eu e os meus colegas, através da cobertura de vidro transparente que cobre a parte frontal, visualizar tudo o que se passa do lado de fora e, inclusive, para os olhares mais atentos, consegue-se desmistificar o que se passa nos edifícios que se situam do outro lado da avenida.

Há cerca de um ano detectamos que, bem na parte frontal da loja, mas do lado oposto da avenida, iniciaria uma obra, daquelas de grande envergadura que adivinhava-se que dela iria resultar um moderno e luxuoso edifício, o que fazia todo sentido, pois, a nossa volta só existem edifícios desse género.

A obra atraiu para si diversas novidades, dentre elas, maquinarias de grande porte, funcionários de diferentes especialidades, inúmeros prestadores de serviço de suporte, entre outros. No meio das novidades não passava despercebida, para mim e para os meus colegas, o velho fogão que era manejado por uma senhora provavelmente com mais de 6 dezenas de anos, com um sorriso encantador, espalhando magia e energia positiva ao seu redor e contagiando a quem por ali passasse. Por cima do fogo ardente jazia diariamente uma frigideira gigante, que atraía para si ao longo do dia toda uma quantidade considerável

de funcionários da obra. A senhora do sorriso alegre chamava-se dona Maimuna e os mágicos bolinhos de coco e trigo que ela fazia emergir da sua frigideira chamavam-se txobobos. Dia sim, dia sim, o fogão dos txobobos era rodeado de clientes do início até ao fim do dia.

A algazarra era tanta que além de despertar a minha curiosidade despertou, também, a minha gula, pois, por vezes o cheiro vindo daquele fogão passava pela porta da loja quando um cliente saísse ou entrasse. Os meus colegas também ficaram intrigados com a situação o que motivou um debate em fóruns informais e formais da loja. Nós, funcionários de uma loja de venda de produtos de luxo, exímios apreciadores e defensores da cultura urbana (avançada) não deveríamos, jamais, sequer ousar em provar aqueles bolinhos pois, de certeza, constituíam um sério atentado à nossa saúde e, mais grave ainda, à nossa sofisticada imagem.

Uma mulher como eu, de salto alto, roupa caríssima e luxuosa não deveria, de modo algum, atravessar a rua, formar aquela enorme fila para depois de alguns minutos de espera adquirir e consumir um daqueles txobobos. Este era o único motivo que me impedia de tomar de assalto aquela frigideira.

As semanas iam passando e o argumento, embora forte e legítimo, mostrava-se fraco e ineficaz para abafar a minha gula. A cada dia eu via o amor da dona Maimuna transbordar para os txobobos, sempre com o lenço coberto,

barrando o caminho entre os seus cabelos e a frigideira, luvas de plástico, água e sabão sempre do seu lado, e uma atenção extra-ordinária que era dedicada a cada cliente, fritava cada txobobo com elevada cautela como se fosse para o seu próprio consumo e obrigada a cada cliente a lavar as mãos com água e sabão antes de tocar nos seus txobobos.

O cheiro dos txobobos era avassalador, instigava a minha fome, deixava o meu cérebro transtornado e quanto mais dias passavam o meu estômago implorava por um txobobo. Um só, nem que fosse metade, impossível! Eu sou de classe alta e mulher de classe alta não podia comer txobobos da rua.

Pedi a minha empregada para fazer uns txobobos, na mísera tentativa de satisfazer o meu estômago. Comi, mas eram diferentes. Como eu poderia ter certeza se nunca tinha provado os txobobos da dona Maimuna? Não interessava, o meu cérebro e o meu estômago assim o diziam, então assim era.

Um dia desses, sentada no balcão da loja, vi dona Maimuna chegar com inúmeros txobobos por fritar, vi o seu constante sorriso, contemplei a sua eterna alegria e o seu infinito amor. O meu estômago roeu e fez-me tremer o corpo. Um cliente abriu a porta e o cheiro dos Txobobos atravessou a pequena fresta. Nesse instante, o meu cérebro bloqueou. Eram os txobobos da Dona Maimuna a tomar conta de mim. Chegou a hora do almoço, o meu estômago

ignorou por completo a minha habitual refeição, ele clamava impiedosamente pelos txobobos da dona Maimuna.

Olhei para os lados e vi as minhas colegas, todas chiques, de salto alto e pescoço para cima. O mesmo era exigido de mim. Mas o meu estômago pedia o contrário, o que tinha de fazer perante aquele dilema?

Olhei para o calendário, e vi que era 8 Setembro, um dia depois do tão aclamado dia da liberdade. E foi pensando nesses guerreiros da década 60/70 que levantei-me, abri a porta da loja e fui caminhando pelo corredor da morte como se fosse uma heroína. Senti como se tivesse uma arma na mão, comecei a transpirar, provavelmente fosse pelo capacete que eu tinha na cabeça e não necessariamente por causa do sol ardente. Talvez fosse ilusão criada pelo meu estômago. O salto incomodava-me, tirei e segurei na mão, os meus pés pisaram no alcatrão quente mas nem por isso interrompi a marcha, pois, o meu estômago exigia a minha liberdade.

Enquanto caminhava, senti os meus músculos fortalecerem, os espíritos, os santos, todos eles estavam comigo, injetando-me forças e ânimo para atingir o el-dourado, ou melhor, o el-txobobo da Dona Maimuna. Pensei nos meus colegas, no código de etiqueta, mas o que é um código de etiqueta diante da fome e da incontrolável vontade de provar um txobobo?

Cheguei a terra prometida, não foram 40 anos, foram 40 segundos. Mas o que eu via na frigideira era mais



delicioso e apetitoso o leite e o mel. Nunca tinha provado nem uma e nem outra, mas o meu estômago me dizia que sim.

Tirei a moeda, Dona Maimuna sorriu para mim: - Não precisa pagar, vai ser oferta da casa! Você parece sentir fome! Não sou eu Dona Maimuna, é o meu estômago. Água e sabão untaram as minhas mãos, um guardanapo novo segurou o meu txobobo recém-saído da frigideira, bem quente pronto para mim. O meu estômago agitou-se, o meu cérebro continuou bloqueado, era o tão ansiado txobobo finalmente nas minhas mãos.

Coloquei o txobobo na minha boca, senti o coco fino bem ralado entrar-me no corpo, senti o leite derramar-se entre as minhas veias, senti o trigo misturar-se com os meus músculos, o pouco óleo a lubrificar-me a garganta, senti o txobobo entrar-me a alma. Era mesmo o El-txobobo. Ele existia. Quando terminei de mastigar o último grau daquele txobobo, o cérebro desbloqueou e veio ao de cima a etiqueta! Toda envergonhada levantei a cabeça e olhei para a loja e vi os meus colegas, todos, olharem para mim incrédulos. Estou despedida, pensei eu! Era triste, mas era a realidade, traída pelo estômago. Que miséria. Tudo por causa de um Txobobo.

Já que, de qualquer forma, estava despedida decidi pagar pelo próximo txobobo. Pelo menos a demissão seria por justa causa. Quando, depois de entregar a moeda à Dona Maimuna, coloquei a mão em direção ao repositório

dos txobobos recém-fritos, para a minha surpresa não havia lá mais nenhum txobobo! Num ápice, os meus colegas tinham assaltado a bacia e estavam a deliciar-se dos txobobos! Os meus txobobos!

# o ardina de sapatos gastos

*Alerto Bia*

o ardina suava e usava a palma da mão para enxugar o suor e tornava a limpar as mãos na lateral das calças castanhas de um vinco afiado. a violência do calor oscilava nos quarenta graus celsius.

na dimensão das suas ínfimas poses diga-se que vestia com primor, todavia não trocava de sapatos. há meses que viriato desbravava caminhos, prestava o seu árduo trabalho de distribuição de jornais as instituições públicas e privadas – que mantinham um vínculo contratual com aquela distribuidora – que se espalhavam pela urbe de lés-a-lés.

somava dois anos que terminara a sua licenciatura em sociologia, e viriato sem perspectivas nenhuma, fazia como o mundo todo o faz – lamuriar o desemprego – até que um dia, graças ao amigo que lhe segredara da necessidade de um ardina numa printpress, no coração da cidade, foi para lá que coisa conseguiu o árduo trabalho de ardina, sete meses atrás, sem meio de locomoção para descrever a geografia da cidade.

antes que o galo cantasse três vezes, viriato coisa tesourava o sono, pulava do leito e fazia jus à trinta minutos de leitura como ritual da sua vida. as cinco e meia, movia-se a passo resolutivo para cedo chegar ao armazém,

levantar os jornais ainda quentes, e por vezes com notícias quentíssimas de pregar os olhos de todo mundo, de até os que menos gostavam de leitura.

do armazém, viriato saía com mochila de um cinzento gasto às costas, inchado por uma pilha de jornais, e mais outros arregaçadas no peito. enquanto andava, cossa trauteava qualquer coisa, de consolo. naquela manhã o perímetro da cidade havia se alastrado, devia descrever a geometria da urbe pelos polos, de norte a sul, à pé. uma nova instituição havia celebrado um contrato novo com a distribuidora a que viriato trabalhava.

o calor estava intenso. após seis horas de caminho, viriato cossa parou na sombra da acácia, sentia uma ligeira tontura, a cabeça parecia rodopiar, em plena luz do dia parecia escurecer, mas não, o seu bucho ia de mal a pior, resmungava de fome. a própria terra parecia lhe sofrer alguma tremulação – uma bizarra sensação, decerto.

desde o raiar apenas duas chávenas de chá e um pão o suportava, todavia não muito bastante como se pode pensar. e finalmente, la tinha chegado. um engarrafamento de carros furtavam o passeio obrigando aos transeuntes a disputar o tapete do alcatrão que fugia, a desviar becos e atalhos e desaparecer pelo horizonte, com carros que por ai transitavam, viriato não era exceção, desenhava curvas entre os carros imobilizados.

consultou no pulso as horas, do relógio que não tinha, parado defronte do prédio de três andares, que era o seu

destino «star-vision» sussurrou esticando o olhar para o néon no segundo andar para confirmar o seu destino, deixou-se engolir pelo espiral lance das escadas, dobrou para a direita, bateu a porta de cristal e largou o último molho de jornais.

o sol envelhecia quando viriato cossa desfez-se do último molho de jornais. quando dali saiu, a menos passos de caminho, cossa sentia pedregulhos lhe ferir os calcanhares, não hesitou em espreitar, até ao fim da tarde, o ardina tinha os sapatos gastos e o calcanhar a espreita.

# A Arca Perdida

*Álvaro Taruma*

Estendo-me na cama ao lado, e deito-me, I lay down to sleep; embrulho o sono nestes lençóis vermelhos comprados à prestação, e espero, espero que o dia renasça. Sonho. Não durmo. O quarto me vigia e, com ele, algumas vozes nocturnas, sonâmbulas. Na mesinha uma garrafa de cidra, solitária; eu disse aos amigos que já não bebo lá vão quatro meses. Não durmo, ao lado a TV, as vozes repetem-se “o candidato da frelimo esteve esta manhã no mercado...” Afogo-as num valente switch off, peremptório e resolutivo. Afogo-as como os mortos aqui bem ao lado na baía de Maputo. É difícil assim a noite, é terrível, assim no escuro; as vozes procuram-me mas eu me deito e sonho. Olho por vezes as caixinhas de som, circulares e sedutoras, desta vez não vou tocar Telonious Monk, nem John Coltrane, nem Michael. “Michael, eles não cuidam da gente”. Penso nas crianças escravas da Coreia que a TV não mostra, aquela TV corcunda, antiquada e velha “o candidato da frelimo...” Santo Deus! Misericórdia! Não me vem o sono. “Michael, eles não mandam na gente” é o que me apraria ouvir se fluísse de alguma boca desperta, mas não. Ouço vozes, lamentos, salários atrasados, dívidas, um barulho tremendo.

Durmo com a luz apagada, a luz do quarto é violenta,



ultra-violenta. Prefiro este coágulo sombrio onde me afogo à busca da arca perdida, o sono. Estou nu por dentro dos lençóis. Dispo-me do cansaço, do lenga lenga diário, da lufa lufa. Há quem agora sonhe, há quem durma como uma máquina apagada. Eu transcorro Himalaias, sísifo condenado ao seu próprio mito. Também penso no que fazem os casais que não se amam a esta hora, com a chuva roçando devagar os telhados, e o vento. Porque há casais que não se amam e dormem na mesma cama, e estou eu que não durmo e não amo ninguém ou amo e não sou compreendido. O amor é fogo, é fogo, é fogo e as cinzas são o ódio? I lay down to sleep.

Vigio agora o cesto de maçãs, laranjas e banana, ontem surpreendi um rato, sei lá, um rato ou um porco, nunca se sabe neste rés-do-chão do centro de Maputo. Tudo se dilui, as vozes, tudo cheira a esgoto, a desgosto, “o candidato da frelimo... “ velho, cansado, corcunda este meu televisor. Switch off, X grande, yo no te quiero. Não me importunes o sono. Ah, minha mulher por que me abandonaste? Minha cidade bela, urbana, meu coração, meu ouro. O amor também é uma merda!

Sinto qualquer coisa podre, uma comichão nas narinas, switch off, “o candidato...” Conto palavras, bocejo, escrevo nomes: ana, paula, zelfa. Dou um beijo, cuspo, finjo dormir. Há muito tempo escrevia telegramas urgentes com um assobio “cuidado o perigo aproxima-se!” E descíamos num segundo o pomar da fruta da alegria, cowboys e

ninjas irrepetíveis na infância.

Não há amor que dure tanto como nos espelhos, penso agora enquanto aparo as palavras, separo-as entre vírgulas e aspas. Escrevo sempre à mão e só depois à máquina, e sempre quase sempre ocorre o impensado: é que a estória muda de feição, como esta crônica destes jovens amantes mortos num poço, afogados num poço sem água. Dizem que o marido saiu de manhã cedinho “ ah, dói-me a cabeça” retrucou a esposa. Deu-lhe um beijo, “ah, dói-me o corpo todo”. Quando a rosa do dia entardecia era o marido quem tinha dores de cabeça, o coração palpitava e o corpo todo era dorido, com a cabeça pendendo entre chifres de aço. A mulher e o amante jaziam num buraco escuro naufragados no próprio esperma. O amor é fogo, é fogo, é fogo e as cinzas são o ódio? A polícia chegou tarde, a polícia não tem meios, a polícia não tem pistas, a polícia está a trabalhar no caso. Eu tenho sono... “o candidato da freli...” Estendo-me na cama ao lado, durmo.

Esperança,  
a mulher que  
tricotava amizades

*Dany Wambire*

É quinta vez que Graça Boavida fixa os olhos sobre ecrã do seu celular. É quinta vez que sua caneta poussa, excitada, sobre uma folha branca, sedenta de escrita. A foto que se desfralda como uma bandeira na tela do seu celular, novamente, a comove. Não se passaram segundos depois de ela ter visto esta foto da Esperança, a última amiga que a visitou em sua casa. Uma notificação do proprietário da rede a convocava, de novo, para conversa. Duas amigas da Esperança, como Graça Boavida, tinham colocado “gosto e adoro” na foto em que Esperança aparece no hospital, no leito a precisar de leite ou peito para consolar a dor da fome.

Nesse instante, uma dor invade o peito da Graça, do qual se ramificavam, como feixe, dois seios redondos. A dor lhe vem duma promessa que fizera à Esperança pela rede social na vez primeira que a viu como personagem do seu ecrã. “Deus vai ajudar, qualquer coisa é só avisar”: escreveu Graça nos comentários, misturando palavras com bonecos emoji, uns deitando lágrimas e outros levantando o antebraço em sinal de força. À pergunta da amiga Graça, Esperança respondeu que precisava de leite e frutas. “Depois vejo o que faço”, escreveu Graça, depois de ter remexido o fundo da sua carteira à vasculha de trocados.

A seguir, Graça pousou os dedos indicador e polegar sobre o ecrã do celular e usando a mola da mão que unia os dois dedos estendeu-os por dois ângulos opostos do celular. A foto se agigantou e mostrou o pequeno, o olho deitou-se sobre o detalhe. Esperança tinha torcido o pé direito, era ali que estava a tala, vigiando-lhe movimentos. Graça sente-se na mesma situação: seus passos, ou melhor, a sua inércia está sendo vigiada.

“Veja, é uma amiga minha! Está tão deformada...”, disse Graça enquanto mostrava o celular a uma colega que vinha reclamar andamento de papelada. “O que aconteceu?”, quis saber a recém-entrada, enquanto agarrava com unhas postizas o celular para que o melhor ângulo da visão da foto ficasse a seu favor. “Acho que foi batida. Andava muito, como se em casa não tivesse o que comer”.

Calúnia. Esperança tinha casa. O que lhe faltava eram pessoas para morar e morrer com ela. Esperança tinha o que comer, faltavam-lhe eram pessoas para comer. Juntamente com ela. Assim como se faz com a bebida, sabe bem na barraca. Esperança via isso com o marido, um bêbado incorrigível. Guardava bebidas em casa, mas bebia-as na barraca. E ripostava as más-línguas e os maus-olhados: “Eu não compro bebida, eu compro conversa. Os bêbados são os únicos que pagam para conversar”. E passou, vezes sem enumeração, a distribuir conversa na barraca. À Esperança, que o esperava acordada por longas madrugadas, não dirigia palavra. Só arrotos de bebidas.

E bofetadas, respondidas com o silêncio da mulher. Tudo para que os vizinhos não a ouvissem a desesperar.

Cansada com silêncio de casa, Esperança optou pelo barulho da rua. Passou a tricotar amizades visitando amigas. Foi regressando da casa de uma dessas amigas, a Graça, que ela tropeçou e torceu o pé. Naquele instante, Esperança reuniu as duas mãos à volta do pé, procurando enjaular a dor. Mas quando as mãos se desapertavam, ela sentiu um bater de ossos descontraídos. Ali Esperança não só testemunhava o ruir do osso do ofício do andar. Testemunhava a morte de si mesma, da esperança. Da esperança de poder construir amizades, da esperança de doar felicidade.

“Com tantas formas de comunicação, ela não precisava de se deslocar para fazer fofoca”. É Graça que diz isso às colegas quando, mais uma vez, acaba de ver os comentários de outras internautas. Olha para as horas nas abas do celular e sente o tempo a dirigir-lhe ameaças. É o dia em que quer retribuir amizade que a amiga lhe servia, vezes que não cabem nos dedos das mãos. É o dia, custa o que custar, que quer visitar a sua hóspede no hospital. Então, enfia o celular na bolsa, cujas alças já estavam penduradas nos cabides dos ombros.

Querida que a pasta enfiada nas gavetas da axila a pressionasse para sair. Também queria dissuadir os que lhe queriam dar tarefas àquela hora. De cada vez que alguém lhe batesse a porta, Graça ajeitava a bolsa, mostrando que

ela estava para sair. Sairia num daqueles instantes, não fosse o seu celular receber constantes notificações do grupo das partilhas, onde eram feitas todas as actualizações da doença e tratamentos da Esperança. Podia ter parado por aí, como outras vezes. Mas a informação de que Esperança torcera o pé quando saía da sua casa a atingia como um soco seco em direcção ao lugar da vida.

“Hoje eu vou visitar Esperança no hospital”. Disse Graça batendo com o punho cerrado sobre a sua secretária. Também tinha cerrado os dentes e a voz só se fez ouvir graças aos dois orifícios que lhe enfeitavam um par de dentes em ruínas, o qual, por sua vez, enfeitava-lhe os dois lábios polposos. E coloridos sempre com o vermelho, cor do coração. Nessa altura, porque ia sair, reforçou o batom nos lábios. Pôs-se em pé. Marcou uns três passos e baixou a maçaneta no mesmo instante em que uns dedos tímidos lhe batiam a porta.

Devolveu a maçaneta para a posição inicial, desfez os passos que tinha marcado e arrependida voltou a sentar-se sobre a sua poltrona. Os três actos produziram barulho, frustrando-lhe a intenção de não responder. Ela estava em cima da hora para as visitas do hospital. Accionou uma manivela, baixou a cadeira e viu, pela fresta que se exhibia debaixo da porta, o pé de uma muleta. “Quem vem incomodar nesta hora que pretendo sair?”, falou para os seus botões, os quais não lhe guardaram o segredo. A voz de fora ouviu, tendo, de seguida respondido: “Sou eu

Esperança. Vim visitar-te, amiga. Estou com saudades tuas”.

Graça desmaiou quando reconheceu a voz. Esperança ouviu o tombo da mulher sobre o enrijecido soalho e entrou em socorro da amiga. Serviu-lhe ar, o que lhe estava a faltar. Quando se recuperou, Esperança serviu-lhe outra coisa: conversa, ingrediente com que sempre construiu amizades.



# A filosofia por trás da repetição

*David Bene*

Das coisas. Surpreendo-me quase que sempre. Gonçalves nasceu na cabana. Os pais são cabana. O bairro era cabana. A escola era cabana. O sono existia tal como respira a sombra noturna da cabana. O passado, o futuro do presente, gabava-se de cabanas na extremidade esquerda da alma. Como se esta fosse uma Marilyn Monroe, a deusa que se ama com as mãos de Belchior. Doutro lado desta invisível rua, da poeira nasceu Dave. Alguns dias depois do Gonçalves. Juntos cresceram vendo a cabana que aos poucos não desaparecia dos famosos nhoko zvezvionda. Sonharam o simples. Mudar a cor da cabana. Inventar uma vista grande e sadia no coração do ghetto. Desmontar a pupila no estendal da cidade grande. Pregá-la nos candeeiros mortos da banda. Dave, andei a pensar muito e resolvi ser poeta, disse Gonçalves. Quero inventar no papel branco um mundo que não tenha cabanas mudas e cegas como a nossa. Uma nação que não precise de escritores para que seja real. Um bairro que saiba contar de zero à dez. Que saiba que z existe e é a última letra do alfabeto. Uma rua apumada que saiba dizer a verdade quando necessário. Que não tenha medo da noite. Dos morcegos. Dos mochos. Das hienas. Das formigas. Um quintal que saiba em decora o nome do cachorro e

do seu dono. Uma casa que não tenha medo do banho. Que não saia ranho quando venta. Um quarto que não se ache melhor que a realidade, finalizou. Dave tinha outros planos. Quero ser, disse determinado, o maior ladrão da história. Macorreira merece estar no centro da língua do universo tal como estão os barrigudos da cidade grande.

Dave começou do zero. Da cabana. Desapareceu as lágrimas da Glória, a irmã mais velha, sem mais nem menos. Roubou as dores do pai da Eline, o vizinho, sempre que passava mal. Quando morreu Zito, o irmão mais velho, centenas de pessoas presentes estavam para chorar. Era muita água por roubar. Muita responsabilidade nas mãos de um miúdo. Roubou tudo o que não tinha valor aos olhos do bairro. Foi isso que lhe diferenciou dos demais. Originalidade ao mais alto nível. E foi justamente por causa dessa autenticidade que lhe foi atribuída a notoriedade no bairro. Os vizinhos deixavam as portas abertas. Matavam os cães para que o miúdo levasse o bairro para o mundo. Com o tempo, a cabana e sua Nyamatsatse faziam-se sentir noutros ouvidos. A região inteira rendera-se com o talento do miúdo. Chamavam-no de prodígio. Nas barracas falava-se tudo sobre ele. Cedo ou tarde, esse miúdo encher-nos-á de orgulho. É um génio, diziam os anciões da banda. É só uma questão de tempo, os barrões da cidade grande virão ao seu encontro. Esse talento merece outros palcos. Outra realidade, comentavam os demais.

E numa desses manhãs, chegou o esperado telefone-

ma. A genialidade de Dave chamara atenção da gangue mais poderosa daquela nação sem nome. Ofereceram-lhe um emprego. Uma casa. Água. Energia. Comida. E como era de se esperar, Dave não decepcionou. Mostrou serviço nos primeiros meses. A cidade inteira queria que a sua casa fosse roubada pela cabana. As mocinhas pregavam-se nos estendais. Queriam desaparecer a todo o custo. Era um status que mudaria a vida de algumas. Era normal encontrar um CV sublinhando esse facto. Ao Dave lhe foi oferecida uma bolsa de estudos, aos 18 anos. A primeira vez que a cabana enviava o seu maior tesouro ao estrangeiro. O presidente até foi ao aeroporto para ver-lhe partir. Dave estava cada vez mais pronto para cumprir com a promessa que fizera ao seu amigo. Bro, façamos o impossível para mudar o cinzento do beco, dizia naquelas horas vagas. Dave foi para o oriente. Estudou. Roubou. Apaixonou-se. Fodeu. Graduou. Aos 24 anos, voltava, à nação sem nome, o primeiro ladrão escolarizado. O miúdo foi convidado de honra na presidência. Champagnes. Música ao vivo e, bebidas. Pediram ao Dr. Gonçalves – o escritor – que escrevesse o discurso do Presidente com aquela lábia dos escribas. Dave era sem sombras de dúvidas o mais respeitado jovem naquela actualidade. Todos acreditavam que era aquela vez que a nação teria um presidente pobre e passaria a ter nome. O miúdo é um ladrão justo e estudado, diziam algumas pessoas. Rouba com alma. Essa vocação e devoção na presidência seria uma mais valia para todos,

diziam os demais.

Uma bolsa Louis Vuitton. Produto francês. Exibida em tudo que era lado pela dona. 1,75 metros de altura. Cabelos curtos. Lábios de rosa. Cintura número 30. Tatuagem no braço direito. Fotógrafa de profissão. Norte-americana. Na sua primeira visita à casa número 7. Quarteirão 3. Bairro Cipriano de Jesus. Porta arrombada. Desconhecido à vista. Uma Makarov. Fabrico Russo. Cinco balas a caminho do peito de uma vida. Gritos aqui. Gritos acolá. Vizinhos correndo d'um lado para o outro. Mocinhas preparando as máquinas fotográficas. Sirenes a paisana. Um corpo limpo. Barba feita. Perfume importado. Calças Jeans azuis. Sapatos italianos. Caído na calçada, sem vida. Abateram um gatuno, gritou uma senhora de idade. Foi em legítima defesa, respondeu aos berros a tatuada. É Dave, vociferou a segunda senhora. Essa americana abateu o nosso miúdo, reagiu a cólera dos demais.

A nação sem nome fechou as portas. Amaldiçoou a estrangeira por não ter feito uma prévia pesquisa sobre Dave. Amaldiçoou as revistas e agências de viagem por não terem colocado Dave algures. Amaldiçoou os guias turísticos por não terem falado sobre Dave à jovem turista. Amaldiçoou a Rússia por ter fabricado a Makarov. Amaldiçoou a Louis Vuitton por ter produzido bolsas que despertassem interesse ao miúdo. Amaldiçoou tudo e todos. Mataram as nossas esperanças, disse uma dessas mães. Na praça pronta para abater mais um intruso chinês. Decretou-se luto nacional.

Trinta dias em memória à genialidade da cabana. As exéquias fúnebres do miúdo obedeceram todas as honras do Estado. Ao Gonçalves, recaiu a responsabilidade de imortalizar o miúdo. Gonçalves escreveu tudo. Enviou a cena para a cabana. Hoje, uso o papel para acender a fogueira de tudo.

Nasci na cabana. Os meus pais são cabana. O bairro é cabana. A escola é cabana. Dave nasceu poucos dias depois de mim. Crescemos juntos. Sonhamos juntos. O sonho ainda é simples. Mudar a cor da cabana. Inventar uma vista grande e sadia no coração do ghetto. Desmontar a pupila no estendal da cidade grande. Pregá-la nos candeeiros mortos da banda. Dave, digo eu, andei a pensar muito e resolvi ser poeta. Gonçalves, eu tenho outros planos. Quero ser, responde-me determinado o miúdo, o maior ladrão da história. Abraçamo-nos e despedimo-nos aos prantos. Como se conhecêssemos o fim da nossa narrativa.

A crónica que  
nunca escrevi sobre  
meu pai

*Eduardo Quive*

Nasce o dia. É bom dia – mandam as nossas origens – na dúvida do que os próximos tempos nos darão. Para já isso pouco importa, a vida é que nos impõe os dias.

Quando se acorda o dia é mesmo bom, vale o desejo – bom dia; Meu pai sentado na sala, imóvel quanto seu corpo, no preâmbulo da decadência; um televisor ligado a barrulhar, uma mesa implantada na casa antes que se conhecesse o nome dos meus irmãos, agora encostada à parede, abrindo o vazio do chão da sala para o autorretrato das grelhas dos ventiladores, de onde os raios de sol disputam entrada com os ratos e, de quando em vez, em entrelace com a escuridão. Os ratos circulam sem temer, quão autoritários esses bichos que cantam na orquestra do eco do vão de um lugar aonde se adiam os dias; uma secretária que apenas guarda um prato com a comida de ontem apodrecida;

Um copo cheio de nuvens de poeira quase que cinzento, apenas no seu topo, reserva a memória dos lábios de ontem; um recipiente de dois litros contendo água quase aquecida pelo calor que impera sobre a casa coberta de zinco velho; de onde se encontra, contempla a luz do dia que vai buscando horizonte; vê tudo de lá: as pessoas que da rua passam, seus filhos que não o saúdam, seus



netos, galinhas, plantas, e a mafurreira; o seu desejo é de contemplar tudo isto de perto: a vida distante de quem anda lá fora;

Tenta se levantar; força um movimento; volta a cair na cadeira; agora, com a mão onde deposita todas as esperanças, segura a secretária onde encosta uma parte do corpo, num acto generoso do destino que lhe tirou a certeza dos gestos; agora com mais força empurra o corpo para frente; eis que consegue com mais sacrifício, surpreender o destino; põe-se de pé; seu pé direito é aleijado; sofre; a ferida que carrega como sinal de vida verte sangue e pus, mesmo envolto a uma ligadura que agora a cor de desconhece; às vezes caem, enquanto anda, as larvas que reconhecem a utilidade da desgraça; o cheiro nauseabundo prolifera-se por toda a sala; reconheço esse cheiro; é de carne podre; pouco importa para quem vê-se simplesmente com o pé ferido; é só lavar com água oxigenada e volta a parecer parte de um corpo com vida; como quem bem encarnou a sina, trata-a com gosto; toca-a, quase lambendo; acaricia-a; são os seus vermes; seus males; suas dores; sua herança e única certeza inseparável dos dias; uma ferida que se alonga pelo corpo; dá alguns passos modestos; tudo no reforço à sua condição de finado não findo, ainda; contemplo-o; olho sem piscar; enfrenta cada paço com meta e desafio; é doloroso; mas enfrente é o caminho; só não sabe que os caminhos são vários; ou há vida ou há morte;

Desta vez escolhe o da morte; galga com gosto: antes

caiu, levantaram-no, tomou o chá de silêncio, calou-se, dão voz aos gestos, simples, mas possíveis num corpo que parece viver apenas à espera da decisão generosa de Deus; tudo se calou, apenas os olhos falaram; como entender os desejos de um olhar; como ouvir a voz que nos olha; agora está mais imóvel ainda; seu corpo quente e mais aquecido ao calor da urina na cama onde aguarda sua morte, arde; saem-lhe feridas; a dor parece insuportável; mas como expressar; e como entendermos; chora, meu pai, chora; não, os homens não choram; não chora, meu pai; só os gestos dos que o vigiam tendem a comunicar; há lágrimas; há sorrisos desesperados; há visitas de última hora; há amigos instantâneos; padres e madres, ausentes;

Reza Maria; vem a voz do poeta, rezar, a sagrada tarefa das mulheres prestes a assumir o luto; nenhuma lágrima contornará o percurso; o horizonte está à espreita; agora é por todos conhecido; o que há a fazer, ó Deus; nada; é morte certa; mas o que é morte certa; ele já está morto; é tudo suspiro das almas; os olhos ainda movem; as feridas ainda abrem-se; com a sua única mão sobrada da paralisia já não pode acaricia-las, beija-las, cura-las; já não é vida; morrer é solução – disse meu pai; ninguém mais merece um eterno descanso.

# Segundo acto

*Elton Pila*

- É um bom lixo?

Perguntou um homem envolto a um lençol encardido, com a voz ensonada, acabado de imergir do negrume que não me permitia lhe distinguir o rosto. Era noite escura e fria. A cidade vazia como se a vida tivesse sido suspensa.

Respondi-lhe não. Sem procurar perceber o que seria um bom lixo. Talvez porque sempre pensei que lixo fosse lixo. E tão por isso substantivo e adjectivo. Coloquei-o no contentor já a transbordar.

Pouco depois uma mulher aproximou-se. A pergunta repetiu-se. A mulher, talvez mais habituada aos códigos do homem, estendeu-lhe um plástico. O homem esticou o braço com a vontade de quem consegue sobreviver por mais um dia. Abriu-o. Comida velha. Um feixe de luz de um automóvel que ia a cruzar a esquina iluminou-lhe o rosto, olhos como se estivessem a imergir de dentro duma caverna. Deu para ver-lhe o sorriso, antes de retornar, como um rato esgueirando-se para toca, a escuridão anterior.

A mulher já fazia o caminho de volta. A mudez dos passos denunciavam resignação. Suspeitei que tenha deixado de ser a mulher à espera do homem como a da crónica de Rubem Braga. Teria o orgulho ferido depois do jantar desenxabido ter sobrevivido a outro dia, depois outro

dia, ainda outro dia, até, enfim, morrer à boca da miséria.

Depois daquele jantar, o homem desejava adiar eternamente a manhã, enquanto se encobria por aquele lençol, que já teria encoberto outros corpos, nus e encharcados daquela quantidade de suor que apenas aqueles que se entregam realmente à volúpia são capazes de produzir.

# Ele também graduou

*Hélio Nguane*

Ele não estará na cerimónia. A irmã mais nova está presente na graduação dos colegas, mas ele não estará. Faltou, não vai receber o canudo que lhe confere o grau de licenciado. Não há nada a fazer, não existe argumento que lhe traga a sala onde acontece o grande acto.

Todos perfilados para a defesa. O mestre de cerimónia prepara as palavras; hoje a saliva será gasta para um bem maior. Os familiares dos graduados assistem com expectativa a consagração dos seus. Os fotógrafos esperam indicações, querem fotografar apenas quem tirou o valor para ser fotocopiado pela lente.

Momento cultural: corpos transpirados, cânticos para embalar, alguns dos anfitriões divorciam-se das cadeiras, levantam para acompanhar a actuação artística. Outros escutam mais os seus batimentos cardíacos, que acelerados anseiam pelo momento sublime.

A tecnologia é fenomenal, as telas projectam os nomes dos graduados, curso por curso. Os que não os conhecem, reparam para as fotos atentas.

Sorriso nas faces, hoje é o dia ideal para mostrar a qualidade da pasta dentífrica. Realmente, algumas são de péssima qualidade, alguns risos valem apenas pela intenção.

Palmas, o barulho desfila pela sala, intrometido, ocupa todo o espaço, boceja, espreguiça-se e incomoda os mais sensíveis.

Iniciou a entrega dos canudos. Depois de ouvirem os seus nomes de registo, os felizes contemplados para a grande cerimónia levantam-se e levam o que é seu por direito. O coração acelera ainda mais. Acho que alguns não terão músculos suficientes para segurar a ansiedade. Urgente, precisamos de um médico. Médico!

O responsável pelo curso entrega os troféus para quem resistiu até ao último momento. Olha atentamente para as faces emotivas. Sim, na carteira, a dedicação, as notas, o empenho são diferentes, mas a recepção do canudo é a mesma.

A lista está para terminar. Agora só faltam mais dois nomes. Mais nada, a lista terminou. O director do curso olha para os nomes e não vê o do melhor estudante do curso. Faz inúmeras questões, mas no fim conforma-se: “Nem todos gostam de graduar, estas cerimónias são emocionais, existem pessoas frias, que já se divorciaram destas celebrações”, disse para si mesmo, enquanto dobrava o papel.

Termina a entrega. Chegou a hora dos discursos.

Artur foi chamado ao pódio. Preto, canudo dourado com acabamentos prateados, os sapatos estavam ocultados pelo manto, o traje cerimonial que caracteriza ocasião. O paraninfo já havia dado os conselhos, as palavras a serem



seguidas para se alcançar o auge, a satisfação profissional.

“O melhor estudante do curso com 15 valores. Ele terá um estágio profissional”, dizia o mestre de cerimônia.

Artur escutava as palavras e dentro de si gritava: “Ele é que merecia! Estes prêmios eram dele. Estudante dedicado, 17 valores como média global. Os professores não tinham motivos de queixa”.

Depois de receber o check gigante, Artur lacrimejou em silêncio. Deram-lhe a palavra, segurou trêmulo o microfone e disse:

“Dedico o prêmio a alguém muito especial para mim e para turma. O seu corpo não está presente, mas ele ainda paira sorridente nas nossas memórias. Estes prêmios são do meu amigo”, proferiu entre soluços de tristeza.

Desceu do pódio, caminhou como um míssil pré-destinado, recusou todos os sorrisos e abraços que encontrou pelo caminho até alcançar a irmã do finado. Olhou-a profundamente, abraçou-a com firmeza e disse entre lágrimas:

“Toma. Força! Deus... Deus... Não sei”.

# Quando a manhã nos tira folga

*Hermínio Alves*

A Manhã decidiu ter uma folga. Houve escaramuça na cidade. O governo decretou o estado de emergência. Eu, dou razão à Manhã, é tedioso fazer mesma coisa todos os dias. Com um sol preguiçoso como o nosso, quem vai aguentar? Todos merecem a folga merecida, até Deus fez uma sesta no sétimo dia, dormiu o dia todo.

Mas, como vês pelas ruas, as pessoas ricas de dinheiro correram aos mercados super, gastar um pouco mais que o necessário, um hábito ocidental incorporado pelos machanganas de hoje. Há protestos nas praças, há pouco dois grupos entraram em vias de facto trocando punhos e coreografias marciais, perguntei ao meu vizinho de calçada, à esquerda, do chão vigésimo quarto, se tem um cigarro. Olhou-me com desdém – você não vê que o mundo está a acabar?

- Todo gajo merece uma folga.

- Futseka!

Não curto gajos com energias negativas. Meu vizinho é um bom confrade, nas noites de frio tem partilhado sua aguardente, fala bonito, por isso, as pessoas são mais afáveis com ele, dão-lhe esmolos bem simpáticas. Tem vezes que partilha comigo o fruto de seu trabalho, por essa razão, perguntei se teria um cigarro, é um bom

compartilhador, contudo, esta coisa de folgas está a deixar todos atarantados.

Fui a praia, ver se me desligava dessa loucura, anda-se por aqui cada dia mais maluco, igual ao dia que formalizei ao meu provedor de dinheiros, minha mudança residencial para o chão vigésimo terceiro, meu novo lar. Disse-me para não mais retornar ao meu quarto de caixa, onde passava os dias a teclar botõezinhos, bom, gosto mais do meu actual trabalho, observar os pássaros, pena que não se dá estima a tão nobre profissão. Naquele dia, as pessoas me chamaram nomes, Esquizofrênico, Maluco, Ignorante, Lixo, Nholuene, Sem tecto, Marginal... anoto todos eles na mente, contado todos, acho que já contabilizo dezanove, às vezes, a mente me diz se esquecer alguns, é uma boa mente, faz isso para preservar a saúde de meus sentimentos. Ah, há mais um, Viciado, acho este, em particular, irônico, pois, desde aquele dia, as pessoas se tornaram viciadas em alastrar a infelicidade, enquanto mentem a elas próprias que andam atrás da felicidade, não sabem que felicidade não é algo que se ande atrás, é algo que se tem, o que temos de fazer é, apenas, escutá-la e, se formos atrevidos o suficiente, conversar com ela, foi o que fiz, perguntá-la como está, ela me diz coisas felizes, todos os dias. É seu ofício, seu trabalho, sem a estima da gente.

Na tarde daquele dia, quis ensinar as pessoas a conversar com suas felicidades em troca de um pouco de dinheiros, a ver se paravam em teimar na minha tristeza.

Mas ninguém parece estar apto a escutar quem escuta a felicidade. Estava com fome e a Senhora das badjias me disse que trocava um pão e cinco delas por vinte dinheiros, escrevi um poema de minha profunda ternura num papel encardido que apanhei alçando voo à minha esquerda. Ela segurou no papel e me disse, friamente – isso não vale nada – e queimou meu mundo na chama que aquecia as cheirosas badjias. Chorei muito, o que fez com que fosse terminar numa prisão rodeado de gente zumbi, tentava conversar com eles, mas parecia que estavam em transe de qualquer coisa. Dias depois, descobri que é um minúsculo comprimido que os coloca naquele estado, zumbificados. Foi durante esta experiência que ganhei o nome Maluco, fui dispensado por bom comportamento, fingi acreditar, mas sei que o real motivo foi a superlotação de nossas prisões.

A minha soltura aconteceu às quatro horas da manhã, tomei um banho de disposição, vesti a melhor estima, um sorriso na cara, disse bom dia à simpatia e a felicidade deu-me um beijo na face, ao pé do ouvido sussurrou – bom trabalho, querido. Não te preocupes em contar os pássaros, concentre-se, apenas, no voo. Principalmente, no momento em que se desprendem do chão, guarde essa magia, nós também somos pássaros, desaprendidos do voar.

Retornei ao meu vigésimo terceiro, meu vizinho me disse em sonho que posso beber dois goles do seu néctar, quando ia puxar o cigarro, ele acordou e o sonho se calou.

Conversamos até um pouco mais das sete horas, quando se descobriu que a Manhã faltou ao seu laboral e todo sistema mundo colapsou.

Bom, por mais que meu querido vizinho me diga futseka, todo gajo merece uma folga.

# Dívidas ocultas

*Leonel Matusse Jr.*

“Cocoricó, cocoricó”. As nuvens escondem o sol. As cores não exibem a sua plenitude. A capoeira é de caniço, meia altura, coberta de zinco. Os galos cumprem a sua missão: despertar.

É tarde. Mariana há muito está de pé. Num ritmo frenético lava a louça, na otala, bancada improvisada: um pedaço cortado de zinco – um metro, quase. É suportado por estacas de simbiri e laca-laca.

Na cozinha de caniço, ao lado, coberta por macuti, com o chão por se fazer, Mariana prepara a refeição. É domingo.

O dia segue, ganhando firmamento, o cinzento cobre a Cidade de Xai-Xai. Laura, filha de Mariana, 8 anos, ainda dorme.

- Vamos a igreja! Ordena a mãe, aos berros, lá do quintal. É uma lembrança fugidia. Regressa sempre (se é que alguma vez foi embora). O Sahara habita no que ocorreu na tarde daquele dia. Mas é uma memória frágil. Não é consistente. Apenas disponibiliza algumas imagens. Em estilhaços.

Laura, recorda-se, visualiza a mãe, segurando um saco plástico amarelo de escritas e desenhos vermelhos. Continha os seus pertences, na mão esquerda. A direita



entrelaçava os seus dedinhos leves, inocentes a saírem do bairro sete. As outras crianças a observarem. Laura tinha um sorriso nos lábios, vestia roupa de festa. O semblante de Mariana era fúnebre. O passo era rápido. Uma tarde prateada, como a manhã que já tinha descrito.

Laura não percebeu porque razão o senhor que mora lá, depois das bananeiras, atrás dos mosquitos ao amanhecer contemplava o caniço a nascer. Não é nítido. Uma imagem falha: caminha, seguindo os passos da mãe, Laura embala-se pelo cantar dos grilos, o coaxar dos sapos e rãs. Já na praia, numa conversa sobre a avó, em Xichangana, o senhor levou-a para a margem da praia, maré baixa.

O amanhecer reflecte nas águas calmas da praia. Não percebeu. A respiração falha. Atónita com a violência, tonta a inalar água salgada pelas fossas nasais. O senhor de vestes brancas balbucia uma língua estranha. Continua a desconhecer. A mão no seu pescoço imprimia força. Seu rosto contra a água. Faltou-lhe a respiração.

O silêncio da mãe ao longo dos anos nutriu ódio. Um ódio a Poseidon contra Ulisses. Lúcifer suplicaria por um manual de instruções para atravessar a escuridão daquele sentimento vil. A Laura estava inconsciente, se quer viu que, por instantes, a mãe herdou o mar que parecia magulute a transbordar pelos olhos.

O que não impediu Laura de pensar que a mãe a odiasse, talvez a culpasse da separação com o pai logo que soube da gravidez. Talvez a quisesse morta. A mãe nunca explicou

nada. Nunca respondeu as perguntas nunca exteriorizadas. Mariana nunca abordou o assunto. Assumidamente cristã ocultou que a avó, em 1938, ainda adolescente, obedecendo as regras da sua família, prometeu ao curandeiro mais forte da zona na altura, o Mondzo, a primeira neta, filha do seu primeiro rebento. A Mariana nem era nascida. Foi em troca de um bom homem para marido, que trabalhasse nas minas da Djone e por manchambas fartas. Calhou-lhe o Magaiza Mandevo que, entretanto, tinha outra família na Mafalala, em Maputo.

Mariana só exigiu que Laura nunca abandonasse a igreja e abraçasse o feitiço dos brancos. Aquela saída nunca foi mais conversada.

Laura, 29 anos, está agora encolhida como feto, a tremer, na sua cama de casal. Traços similares aos da Énia Wa Ka Lipanga. Curvas que não sabem esconder-se. Quase a rebentar de salientes. Solteira.

Acaba de despertar do pesadelo que muitas noites a faz temer o sono. Dormir é seu pavor, uma condenação. Remoe-se sobre o seu destino.

“Carlos, advogado promissor, escapou-me num ápice. O diário do futuro já estava com alguns pontos preenchidos. Oops. Não há borracha para isso”. Só o tempo, com o tempo, entendeu. São páginas escuras.

No fundo ouve-se aquele R&B do Markus Exodus que não existia cá entre nós. Aquela song exprime-lhe o coração. Mesmo destino teve com o Pablo, o engenheiro

da Anadarko.

É crente em Deus por essa razão recusa-se, como sugeriu uma senhora secretária da repartição que dirige numa grande multinacional, a penetrar-se nos véus da noite para perguntar ao nyanga: mas afinal qual é a cena?

Mariana morreu.

# Jasmins e Chambre

*Matiangola*

“Há-de ser que um dia desses ele morra nas flores, apenas ele e as flores, ali na lápide, há-de ser...” – alucinavam-se os populares.

Tinham-se passado três meses. Matiangola estava desolado e aterrado e, para não variar, tomado pela atonice. Os dias sucediam-se na mesma mecânica, sem pândega nem roliças para o pobre poeta. Reminiscências ecoavam no seu cérebro mais nítidas do que o cetim que resplandecia do seu corpo. E, de todo, Matiangola não as largava. Encontrava nelas o reconhecimento que nunca teve e sempre desejou: a vaidade do que esperava e recebeu, em seguida, o que não esperou. Amava-as e ali, com elas no seu passado, fantasiava-as e extasiava-se com o passado do seu passado.

No começo, desde que Julieta fora a enterrar, eram as recordações da sua amada.

Lembrava-se das noites de pudor, das orgias, de ouvi-la recitar o rouxinol canto dos pássaros e gemer: “te amarei como uma pedra lascada. De ti não quero nada senão o coração, as três palavras que dela falam – vinho, poesia e

sexo. Apenas, vinho poesia e sexo”.

Depois, recordou-se do seu livro de poesia “Jasmins e Chambre” e, naqueles instantes, povoou-se-lhe a mente do prazer de recitar e recitou:

Eis me aqui lavrador  
Lavrador de caminhos tortuosos  
De tanto silêncio  
Silêncio de que tanto me torno e amo.  
Eis me aqui solidão  
Solidão de te amar e sonhar  
O côncavo ciclar das aves  
O prazer da escuridão e do abstracto.  
Eis me aqui lavrador  
Sem fonema nem sílaba  
Eis me aqui, lavrador.

Aquele poema desceria e aticava a gula e o enlevo que a literatura movia sobre si. E os jasmins, no seu subconsciente, ali a fluírem. O seu cheiro a banhá-lo entre o silêncio e a solidão.

Agora, em todas as manhãs, o sentido era único. O tempo e o espaço tinham-se geometrizado para Matiangola. Às 09h00 em ponto dirigia-se à loja do Berneste Sófio, um comerciante do seu bairro, para onde comprava jasmins e, seguindo o mesmo trajecto, entre a algazarra das ruelas e os transeuntes que perfilavam pelas mesmas, de certo espantados com Matiangola, contemplava incessantemente as flores e banhava-se nelas, numa mecânica que

inspirava os casais apaixonados. Aquelas flores irradiavam Julieta e o seu silêncio e solidão. Silêncio de ser amada na solidão e no vazio agreste e tumular. Silêncio lavrado nos tortuosos caminhos da solidão e do abstracto. Silêncio de ser lavrada, apenas, na palavra.

E então, defronte da frondosa mangueira, na sua casa, depositava os jasmims e punha-se, apenas, a contemplá-los. Recordava-se do seu sonho de ser letrado e literato, de várias vezes ter enviado o seu manuscrito de “Jasmims e Chambre” aos editores e nada ter recebido senão jasmims. E, por instantes, o seu desejo de reconhecimento, de ovação e vislumbre na high-life esvanecia-se no silêncio e na solidão. É que aqueles jasmims, que tanto os queria, espalhavam a alacridade do seu desejo: a veneração e admiração de que ambicionava. Sempre que os comprava, na mesma mecânica da sua rotina, sobretudo quando se cruzava com os transeuntes nas ruelas, sentia-se ovacionado pelo espanto que os mesmos manifestavam: “Há-de ser que um dia desses ele morra nas flores, apenas ele e as flores, ali na lápide, há-de ser...” – alucinavam-se os populares.

Daquelas imagens, via as salas de teatro cheias, as casas de pasto abarrotadas, os bares, os anfiteatros e todos a ovacionarem a entrada fulgurante do poeta. Os autógrafos, as palmas, e vislumbrava-se. Aquele silêncio dava-lhe o que sempre quis e foi-lhe negado: o reconhecimento. Via, a olhos nus, a cheta, a grana a escorrer por

entre os bolsos. Os champanhes a espumarem as salas, os cinemas, os chapas e tudo impregnado de “Jasmins e Chambre”. Via, sem pestanejar, o bambolear das mulheres roliças e delirar. E ele, na calçada, vestido de um fato de linho preto, umas texanas pretas e gabardine, empunhalava na mão um charuto cubano e um licor de Veneza. A fantasia e o seu ego ali defronte dos jasmins emanavam e esculpiam a sua glória. E foi-se deixando tomar pelo sucesso, pelas patuscadas e estroinices. Eram só jasmins e jasmins. Glória, honra, fama, esplendor e magnificência.

A princípio, Rose aceitava que ele se derramasse naquelas flores, mas depois começou a rosnar e a refilar. A enciumar-se com as flores, sobretudo com o tratamento que Matiangola dispensava de si e ateava-o aos jasmins. Aquilo aterrava-a. Agora, os olhares entre ambos eram cheios de tédio e secura. Apenas o parnaso que representavam os jasmins é que mantinha aquela paixão incensada de Rose. E a vela foi-se apagando. No leito de entre, já não havia cama, nem o entrecruzamento das pernas nas madrugadas do inverno, apenas aqueles dois corpos inertes de si e do silêncio. Amavam-se naquela distância, naquele eco dos seus corpos, naquele freio de separação entre a carne. E as cartas de amor, que antes chegavam a anunciar as noites do sexo sem pudor e entrega ao prazer, inexistiam. Apenas no silêncio e na solidão. E o que Julieta passara, agora era Rose que vivia. A dor de ser amada apenas com o olhar e no silêncio e solidão desse olhar. E contorcia-se. As reminis-



cências, agora, voltavam-lhe às catadupas. Recordava-se das noites em claro, da agonia e convalescença do gemer, do burlesco e animalesco de ser possuída e tomada, do flutuar por entre os jasmims, do ser-lhe rasgada o chambre e morrer num poema a declamar: “apenas quero que me leves no teu coração. Apenas vinho, poesia e sexo”.

E, de certo e todo, ainda na ressaca daquelas reminiscências, deu a travar uma discussão com Matiangola:

- Sempre são jasmims e jasmims – rosnou Rose – ao que Matiangola engoliu e retorquiou.

- Já devias saber que uma pessoa, quando morta ou nesse estado, o que precisa é de sossego. E de todo, tu não me dás.

- Não entendi. Quererás dizer que és morto? E os jasmims...

- Não. Mas se leste a Confissão de Julieta, um primor de literatura que ela fez, deverás saber que ela me pediu apenas jasmims, apenas jasmims. E sempre que os vejo, banho-me no seu leito; nas recordações pitorescas que tivemos; nas noites de luar e incensadas de sexo; no fulgor da paixão; no entrelace de dois corpos em combustão; na nossa primeira noite; nos uivos encantados dessas infinitas auroras e no resplandecer de ser amado.

Rose, ao ouvir aquelas declarações, não ficou atónita nem acirrada. Apenas disse:

-E eu, onde me banho? Desde que Julieta se foi, não mais gemi e rolei na infinitude do prazer. Sinto falta das

noites em claro, das noites em branco em que devorávamos uma “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, ou “A Capital”, de Eça de Queirós. As odes de Neruda, o canto de dois amantes na aurora. Hoje, apenas no silêncio e nos jasmims encontro esse amor. E tu te banhas nele, apenas nele...

De súbito, Rose começou a balbuciar sangue e, quando Matiangola se apressou a levá-la ao hospital, apenas recitou: “vinho, poesia e sexo. Apenas, vinho, poesia e sexo”. Uma hora depois da entrada ao hospital, Rose jazia na morgue. E Matiangola recitava: “vinho, poesia e sexo. Apenas, vinho, poesia e sexo”

*In “Jasmims & Chambre” (2016)*

# Um assalto ao café

*Mélio Tinga*

*não adormecerá o coração  
numa porção de sombra  
chamada medo.*  
[das anotações do autor]

Acabei numa casa de banho feminina, por engano. Andava aos tombos no mundo. As minhas relações amorosas eram um fracasso. Tudo que escrevia dava remorso. Precisava de meia hora num banco para concertar os ponteiros da minha existência.

Atravessara o balcão do café com a cabeça em Martes. Escutava Angelique Kidjo. Dos velhos escutadores. Ficavam enrolados no bolso das calças. Entrara com a bexiga quase a rebentar. Adouma, de Kidjo arrepiava-me. Lembrava pássaros a golpear o céu, ou uma perseguição de animais na selva.

Não tinha os habituais urinóis. Lembrei-me de A Fonte, do francês Marcel Duchamp. Soltei um sorriso e por instantes esquecera-me do que me arrastara e dos remorsos.

Haviam pequenos quartos perfilados. Portas fechadas, algumas. Pálpebras semicerradas, outras. Atravessei a

segunda. Puxei a tranca. Parecia a coisa mais frágil do mundo. Foi lá onde urinei.

Ia sair quando ouvi a porta estrondar. Abriu e fechou rapidamente. O som da respiração ofegante atravessou-me os tímpanos. Puxei os fios dos ouvidos. Tive a sensação de que todas as mulheres na terra respiravam.

Destranquei a pequena porta. Vi-lhe o rosto. A cabeça encostada à parede. Prostrada. Tremia. Sentada no chão. Parecia sozinha no mundo. Quando apareci, provavelmente tínhamos ficado os dois. Naquele nosso mundo: a casa de banho.

«Não me mate, por favor. Faça o que quiser. Não me mate!» - Disse. Sua voz tremia e parecia escapar de um comboio em movimento. - «Por favor, senhor!»

«Esta casa de banho é para senhoras?»

«Sim, senhor. Por favor não me mate.» - Repetiu aquele seu «Não me mate» com as palmas das mãos esticadas a cobrirem o rosto como se fosse um coro. Olhos cerrados. Cabeça contra a ponta do seu joelho. A saia deslizava devagar, como se a pele se descascasse de si. - «Não me mate.» - Repetiu.

«Desculpe-me. Entrei por engano...»

«Aqui fora» - disse com o dedo virado para a porta - «Tem cinco homens armados. Estão a pedir dinheiro à senhora do caixa!»

«Há quanto tempo?» - interroguei como se pudesse mudar o rumo das águas

«Sei lá... a pouco tempo. Estão todos mascarados. Estou com medo.»

«Acalma-te, acalma-te, senhora» - disse enquanto me aproximava da porta.

«Não, não por favor. Não abre.» - Disse com os dedos segurando minhas calças.

Naquele instante notei o quão belo era o seu rosto a transpirar. Parecia uma lua no Verão. À noite. A luz que se estica madrugada fora. O medo a tornava um pássaro sem ninho, sem ramo. Cravei o meu olhar sobre ela por longos minutos. Para além do seu rosto, havia uma segunda coisa que me roubava a atenção: o decote. «Como fui capaz de não conhecer uma mulher assim em toda minha vida?» - Pensava.

«Desculpe-me» - disse ao largar as minhas calças. Soltei um sorriso e permaneci com a cabeça inclinada, com os olhos quase a tombar.

«Filho da mãe! Esta merda não tem chave.» - Disse ao deixar aqueles pensamentos evolarem-se.

«Então?»

«Se não tivermos muita sorte podem cá vir»

Segurei sua mão. Fomos ao último compartimento. - «Fiquemos aqui até tudo acalmar»

«É muito apertado»

«É muitíssimo apertado. Agora fale baixo ou cale. Se não quiser morrer, é claro»

«Se não quiser?» - Perguntou ainda mais assustada.

«Sim. Se não quiser.»

«Onde o senhor já viu alguém que queira morrer?»

«Não importa. Como a senhora se chama?»

«Maíza» - Disse. Uma expressão de vergonha e medo adocicou o seu rosto. Empurrou com cuidado a tampa da pia e sentou-se contra ela. - «Sinto-me exausta. E cheia de medo»

«Também estou com medo.» - confessei - «Achas que eles ouviram a porta bater.»

«Eles estão a procura de dinheiro e não de portas que batam.» - Disse ela, mais ou menos segura.

Tomava um café. Levantou-se. Precisava lavar a cara. «Comecei por ouvir a porta principal bater com muita força», depois foram as gritarias. Os homens armados mandaram todos ao chão. Dois deles foram ao caixa. «Dá todo dinheiro que tem aí». Maíza descalçou-se e arrastou o corpo leve como uma folha a adejar. Entrou. E se deixou cair onde a encontrei. Isto foi o que ela presenciou. Passava das dezasseis.

\*\*\*

Tinha os ossos dormentes. Maíza adormecera. Era noite. Não sabia se abanava seu corpo ou roubava um beijo. Não sabia se saía dali e esquecia tudo aquilo. Não sabia se a esperava fora dali enquanto não acordasse. As mulheres são os únicos seres que põem os homens em dúvidas permanentes. Os ladrões não teriam demorado

tanto. Era noite, quase. Nem som de polícia.

Caía uma chuva triste. Chegava trémula, aos pingos. Estava de pé. Fitava o corpo dobrado sobre a pia. Lá fora era silêncio. Naquele momento acreditei que no mundo haviam apenas dois seres.

Destranquei a pequena porta. Abri a segunda porta. Ninguém estava ali. Nem assaltante, nem polícia.

A porta principal estava quebrada. Atravessei. Segui à esquerda. Cruzei a estrada. Segui o meu rumo. Aos tombos.

Nunca mais vi Maíza na vida.



# Profecia em curto prazo

*Pedro Pereira Lopes*

*Ao Suleiman Cassamo*

Crianças d'agora já nasce com ausência de respeito; grau absoluto autêntico de abuso: com três fio de pêlo já abre asas igual é pavão; pessoa tem perna para namorar com chão; antigamente nós sabia andar, andava com técnica, andava com guia de marcha, cansava pouco e chegava lá nos local onde ia; por isso que jovi agora só morre, não senta em casa; não quer ouvir madala porque madala fala barulho; então faz uvido de mercado, como dizia patrão; e quando anda, sempre sonha acordado; rapagi que não escuta fica madjolidjo, marginal; rapariga só poder ser chicuachula, vulgar; mulher de vila que não sabe equilibrar bidão grande na cabeça, como menina de cidade, que sobe em cima com levador, procura destino de tamanho que é desgraça; outros estuda parece não estuda, vida é só fumar soruma e beber nipa, aguardente, e outros creveja; ouve o que vou contar, é de verdade, conteceu lá perto da casa da fontenária, na rua doze

Aquele rapagi ficava tipo pai dele não é pai dele; era até pissoa bunita, mas parecia ter xipoco dentro: mamanô! mamanô!; bandonou escola porque chumbava muito; ele com chuva, ele chumbava mais e chuva chovia poco;

chumbou sétima classe três vez, quinta classe dois vez; ele e caderno era inimigo, quando um via outro, os dois dava meia volta e voavam como estrela que cai; mãe dele zangou e não fez matrícula, mandou ficar em casa para pensar na vida; mãe dele disse assim: “já pensaste no que queres ser, quando fores adulto?” falou com voz de branco, com os mimo; se stava zangada, então era zanga de sol de manhacer, não queima nem acalora; aquele jovi já era adulto de fazer grávidas: podia gravidar filhas de dono até encher maternidade sozinho; mãe dele queria dizer madala, talvez, madala já trabalhou muito, madala pode ficar descansar; criança proveitou e ficou perdido de vez: de um vez para devez; teve portunidade, fez tudo desconstrário

O rapagi bebia muito, cerveja ou às vezes nipa, também cabanga de farelo; bebia até noitecer, mas tinha xipocos bom, nunca nem um dia esqueceu caminho de casa: chegava e apanhava todos já dormiu, comia, comia tipo não era magrinho; comia mesa, comia panela, comia gelera; de manhã, mãe dele falava outra vez com os mimo, pai dele só olhava, com dois olhos de vontade de querer pertar pescoço do rapagi, de desgandar, como dizia patrão

Um dia começou turno novo no trabalho e pai dele voltava muito noite; e foi antão que veio zanga feio, grande gravidade: esposa fez caril que marido gostava muito, caril de peixe mussopo; todos sabe que cabeça de tsomba tem ferramenta, até Gil Pinto cantou; todos sabe que cabeça de peixe-gato é de papá, chefi de família, mas aquele rapagi já

tinha abuso absoluto autêntico; chegou cedo, comeu prato dele, comida tinha sabor de saborosa, ainda tinha fome, panela só tinha mosca, gelera electrolux só tinha água; rapagi abriu tigela de papá e olhos acenderam parecia é dia de ano novo; e comeu também cabeça de mussopo

Quando homem grande chefi de família chegou, tinha também bebido umas nipa aí nos esquina dele, viu mesa sem arranjo: tigela estava vazio tipo mar quando moisés ia travessar; homem ficou ritado; ritação dele era ritação de gato, mostra unha e levanta cauda; mia parece vai cordar vizinhança todo; cabeça de peixe estava desmontado: os ferramenta estava espalhado, chave-inglesa lá, chave francês acolá, chave de fenda no chão e prafusos sem óleo; não tinha restado um mucadinho só; nipa na cabeça saiu, seriedade do homem subiu; bater criança não ia diantar, acordar mulher, só para chatear, não era solução, foi dormir com zanga na estômago a fazer trovoadá

Dois dia depois, pai daquele rapagi teve ideia para dar um correctivo nos abusos, queria vingança dele; saiu cedo do trabalho e passou a comprar um quilograma de peixe chicoa, seco; naquele noite, jantar era cove; o homem mandou servir só duas colher de verdura para o filho; fecharam prato tipo jantar estava petitoso, depois ele próprio escolheu um peixe seco e mandou escamar; depois passou óleo por cima, o chicoa ficou a brilhar, bonito, tipo menina com pomada vaselina a ir na missa de galo; peixe untado parecia frito, pronto para comer; chicoa entrou

no tigela e todos foram dormir; quanto o rapagi de casa chegou, bêbado como noutros dias, foi logo pegar os prato; comeu couve mas couve eram pouco, não custou acabar; abriu tigela e viu chicoa inteiro, a brilhar; daí ele comeu; mordeu tipo era luta; lambeu os dedo, comeu tipo vinha de ano de fome; óleo escorria, cara ficou pintada, roupa ficou oleada, rapagi comeu com fome de ano de fome, ficou com sono e foi dormir sem lavar mãos

No dia seguinte, quase oito hora, rapagi foi acordado com pai dele; mãe dele gritava, já não tinha carícia nas palavra: “vais para um internato. lá ganharás juízo!”; pai dele só olhou, olhou desgraça desses rapagi que não gosta de estudar, que só sabe andar com cigar na boca e mãos no bolso das calça de jeans; mas não ficou a olhar longo tempo, rapagi foi a correr na casa de banho, estava começar diarreias

“Vovó Velina inventou! É verdade mesmo?”

# Duplo suicídio

*Venâncio Calisto*

As revoltosas águas do Tejo duplicam a noite e povoam a velha cidade de um odor ancestral, reptícios dos sonhos há séculos apodrecidos de esperar no cais. A escuridão cai densa e pegajosa, um manto negro ofuscando a paisagem e sufocando os candeeiros, até que de madrugada o orvalho espume os olhos do mundo, e apague neles os fantasmas. Mas isso é futuro. À mão de semear temos o presente que se nos chega sem embrulho, pronto para ser vivido. Sentado sobre o tédio, o jovem casal tem os pés plantados no rio, como que a pescar o frescor necessário para resistir a náusea da vida urbana.

Nenhum dos dois desconfia do trágico destino que a ambos espera. Sorriem com o mesmo descaramento, e nos intervalos dos cigarros que gravitam de boca em boca filosofam sobre o tempo, sempre breve e insuficiente, da felicidade, essa ditadura que nos vendem disfarçada de paraíso nos filmes românticos de Hollywood e nos falsos sorrisos das publicidades da TV. Deveríamos ter perdoado mais. Confessam-se culpados pela crescente degradação da humanidade, todos os Homens têm sua cota de culpa, dizem, por fim, e ainda não se deram conta de que falam e agem em coro. A beata acesa do cigarro que rodopia no ar e por fim arrefece o ímpeto do seu voo nas águas do rio

é duplo e simultâneo como o são as ações e intenções do jovem casal que escolhera o Tejo para morrer.

De longe, quem posasse os olhos nas duas sombras projectadas sobre a margem do rio, não duvidaria que se tratava de um jovem casal a cumprir o velho ritual dos apaixonados, a fazer da mudez da lua e do atabalhoado linguajar da correnteza do rio, testemunhas das suas ilusórias juras de amor. Quem os visse abraçados até que se confundissem com um único ser, o que afinal já o eram sem o saber, e com os olhos perdidos em horizonte opostos, diria que ainda teriam muitas luas por contemplar. Ninguém imaginaria que aquela era a derradeira. Até que os dois se ergueram em simultâneo, beijaram-se longamente e a seguir atiraram-se ao rio.

Os corpos boiam sobre a noite. Os corpos do jovem casal são barcos embriagados pela maré, perdidos na sua própria desgraça. Os corpos, agora silenciosos, fazem emergir infinitas epopeias do que poderia ter acontecido. O que motivara o duplo e simultâneo suicídio? Um casal não se suicida assim, sem mais nem menos, e para piorar no mesmo dia, no mesmo rio e na mesma hora. Há algo de oculto. Anoto a intrigante frase convicto de que descobrira uma valiosa pista. Assumo as mais absurdas ideias que me fazem comichão a cabeça como sendo pegadas, preciosos sinais com os quais reconstruo o caminho do crime. Deve ser por isso, que em três horas de detetive, tempo que durara este sonho, fui sempre sagaz e imbatível.



Não lembro do rosto e muito menos das vozes das minhas testemunhas. A minha volta já não há corpos e muito menos rio. Num hiato, próprio da elipse literária, passei do local do crime para o balcão de um bar e as únicas coisas que boiam são minhas lágrimas sobre o whisky. E para piorar estou só. Não há ninguém a quem possa interrogar sobre a confusão de paisagens e factos que vão compondo a partitura da minha vertigem interior. Há algo de oculto. Desta vez não anoto a frase, falta-me o bloco de notas. Sinto-me o pior detetive dos romances policiais. Justamente eu, que sempre me julguei Sósio do Poirot. Isto não é um bar, não pode ser... a minha frente, uma tumba, duas, milhares de tumbas. Na lápide mais próxima leio Agatha Christie. E entendo o porque de ter pensando em Poirot. Nada faz sentido como nos sonhos.

Sobressaltado, precipito-me para a janela e ergo a persiana. A luz da manhã chega-me fresca e agradável. Penso em fumar um cigarro, mas desisto. Sento-me na cama e pergunto-me sobre o que acabara de vivenciar. Um casal à beira do Tejo. Respiro fundo e sorrio de leve como se desejasse que fosse um presságio. Esqueço-me do duplo suicídio. Penso no beijo demorado e a minha boca enche-se de saliva. Adio a higiene matinal por alguns minutos, apraz-me perpetuar os odores trazidos dos lugares distantes e desconhecidos. Entretanto enjoa-me a lembrança das lágrimas a boiarem sobre o copo de whisky. Sinto-me meio bêbado. Cambaleio pelo corredor a caminho

da casa de banho.

Detective Poirot! Lembra-me o espelho, grave quanto a imagem que se reacende na minha mente: os corpos do jovem casal a boiar sobre o Tejo, um duplo suicídio, pobre de argumentos que o justifiquem. Imagino uma corrente de sangue no lugar da água que agora jorra da torneira. Um arrepio atravessa-me o corpo. Olho novamente para o espelho e as ramelas a selarem-me as pálpebras me convencem de que afinal tudo não passou de um sonho.

# # 1| Marcas, meticais e outras complexidades humanas

*Virgília Ferrão*

Não sei se foi dolorido. Nem quantos segundos demorou. Apenas sei que a transição fez-me emergir pela água. A minha volta, somente ondas. Nadei até à costa. Tinha as pernas fracas, por isso a caminhada foi lenta. Uma simpática nuvem afastou-se e deixou que alguns raios alaranjados descessem sobre o meu corpo trémulo.

Ergui a cabeça para o céu. Que surpresa agradável. O sol dali era tão redondo quanto o da minha casa.

- Moça, está tudo bem?

Não tinha dado pela criatura diante de mim. Era um humano. Pude adivinhar pela barba. De resto, não havia grande disparidade entre as nossas espécies.

- Está toda molhada moça, e a sua testa sangra... precisa de um hospital?

Ouvia o humano, obviamente, mas não o compreendia. Então, agarrei-lhe pelo ombro. Um toque era suficiente para absorver-lhe a língua. A vibração de um novo idioma nascendo no meu cérebro fez cócegas, e finalmente respondi:

- Ora viva! Estou ótima, não se preocupe, pode ir.

- Porra, e precisava molhar a minha camisa? – resmungou o homem irritado, olhando-me com afincada agressão, antes de partir.

Exprimi o meu origami encharcado e pus-me a andar. No esforço de produzir calor para secar-me, e de perceber onde é que eu havia aterrado, senti os olhos desbulharem numa cortina de caos. A geometria das ruas, sinceramente, era uma fraca paródia das avenidas do meu planeta. Mantendo a boa educação, tentei saudar os humanos, com um abraço fraternal. Qual não foi o meu espanto ao vê-los rejeitarem-me? Alguns quase tropeçaram, só para fugirem de mim. Julgo que era compreensível. Afinal de contas, ao contrário deles todos, eu tinha os pés descalços. Precisava de um calçado, claro. Por sorte, havia logo ali um edifício vasto, com a vitrina recheada de sapatos.

“Aberto”, assinalava um letreiro.

Que maravilha. Os humanos tinham vestuário de emergência.

Puxei a porta e entrei. Nos mobiliários a abarrotar de raridades terráqueas, acabei encontrando algo. Nada semelhante as *cantilhas* de Stefanotis, mas davam jeito. Estava a calça-los, quando senti uma presença.

- Posso ajudá-la? – a humana tinha a vozinha cheia de desconfiança.

- Bom dia, só entrei para levar estes sapatos.

- Essas adidas são 3.000 Meticais.

Franzi o sobrolho. A linguagem daquela criatura era peculiar. O que significava “adidas”? Ou então “são 3.000 meticais”? Mas como tinha pressa, decidi sair do edifício sem desvendar o mistério e sorri para a humana:

- Até a próxima.

Não tardou para ela vir atrás de mim, toda esbaforida.

- Polícia! Uma ladra, a *muyive*! Peguem essa moça!

Com ela e com os gritos, seguiu-se uma multidão. Totalmente confusa, mas antevendo apuros, ergui os braços em frente ao corpo e em pouco tempo *atravessei*<sup>1</sup> para outro lugar. Dei por mim no meio de uma esfera em jardim, cercada de estátuas de pedra.

“OMM” lia-se no monumento erguido no centro. O meu estômago sacudiu-se com violência. O que seria aquilo? A tal fome? Não fazia ideia de que pudesse ser tão desconfortável.

- Xiquelene! Compone! Xiquelene!

Virei a cabeça.

Pendurado na porta de um veículo bastante curioso, com cerca de doze assentos e abarrotado de outros humanos, um homem convidava-me a segui-lo.

- Xiquelene! Compone! Xiquelene! – insistia.

Aceitei a oferta. Até porque era um convite bastante concorrido. Dentro do veículo, os movimentos respiratórios tornaram-se um desafio, em compasso de três: inspirar-expirar-batalhar. Inspirar-expirar-batalhar. Finda a batalha, consegui sentar-me encostada à janela.

A humana ao meu lado segurava um recipiente, e o

---

<sup>1</sup>O fenómeno de atravessar equivale ao que humanos de forma corriqueira chamariam de “teletransporte”.

aroma de trigo banhando em óleo pulsante como uma cascata, desceu-me ao estômago. Entrei em hipnose. A fome queria matar-me.

- São fiosses minha filha, 20 meticais. Quer um?

Comecei a ficar aflita. “números”, “meticais”. De novo? O que era aquilo?

- Você tem cara de estar faminta, minha filha. Pode tirar um, dou-lhe de graça.

Olhei para ela, perplexa. O que poderia significar ter algo de graça? A graça não estava em tudo o que nos rodeia? Estiquei a mão para o tal fiosse e fiz a primeira refeição do dia no planeta terra. A humana deu-me mais um. “De graça”. Ah, tivesse eu compreendido o sentido daquele gesto!

Sabem, há algo agradável nas viagens colectivas. Por um instante, fazem-nos sentir imersos numa vasta união em partículas, tal e qual é o universo. Ademais, é uma ótima forma de assimilarmos novas línguas. Em pouco tempo, consegui descobrir o nome da cidade onde estava: Maputo. Aproximava-se um tal “feriado” e também umas tais “eleições”. Eis o que percebi acerca do tema: as eleições tratam-se de um jogo para escolher-se novos líderes. Às vezes acaba sendo mais ou menos como premir o botão de *replay*. Outras vezes, é apenas o velho disfarçado de novo. Aparecem candidatos a simular que cantam músicas, verdadeiros clássicos, quando na verdade fazem um mero *playback*. Isto tudo, sem falar dos que são interdi-

tos de usar o microfone. A meu ver, é um jogo muito mal pensando.

- Moça, aqui é a terminal! – avisou o dono do veículo.

- Terminal? O que isso significa?

- São 10. Trocados, faz favor.

- 10?

- *Hawena* moça, vais reclamar de 10 Meticais?

De novo tinha uma multidão enfurecida atrás de mim. E aos poucos comecei a mergulhar na grande filosofia.

*Bem-vinda ao planeta terra, Linan*, disse a mim mesma. O lugar onde nada acontece sem “meticais”, uma de muitas variações de um tal “dinheiro”. A jornada prometia ser mais complexa do que o previsto.



# Notas biográficas

AGNALDO BATA nasceu em 1991, no Chamanculo arredores da cidade de Maputo.

É Licenciado em Sociologia, escreve prosas e peças teatrais. Em 2015 foi premiado no Concurso Literário dos 40 anos do Banco de Moçambique na categoria de Romance com a obra “Na Terra dos Sonhos” que veio a ser editada e publicada pela Alcance Editores em 2017, sendo esta a sua obra de estreia.

Em 2018 foi distinguido com a menção honrosa na 2ª edição do concurso Literário INCM Eugénio Lisboa com a obra “Sonhos Manchados Sonhos Vividos” publicada em 2019. É assinante de uma coluna no jornal “O País”.

ALERTO BIA, nasceu na Terra de Boa-Gente (Inhambane) em Moçambique, no ano de 1993. Formado em Ensino de Inglês pela Universidade Pedagógica de Moçambique. Publicou “Sombras Cálidas” um livro de poesia, sob a chancela da Editora do Carmo, Brasil, 2017. Foi distinguido a 4º lugar no IV Concurso Internacional de Poesias – Prêmio Cecília Meireles, 2019.

ÁLVARO TARUMA nasceu em Maputo, no ano 1988. Está associado à geração impulsionada pelos movimentos literários Kuphaluxa e pela Revista Literatas, e que desponta no mercado editorial a partir de 2014. Com uma escrita marcadamente intimista, publicou “Para Uma Cartografia da Noite” em 2016 (o melhor primeiro livro de poesia de um autor moçambicano desde o distante “Monção”, de Luís Carlos Patraquim, segundo a revista Caliban) e no mesmo ano foi finalista (menção honrosa) do prémio 10 de Novembro, com o livro inédito “A Migração das Árvores”. Foi Prémio BCI 2018, com o seu segundo livro, “Matéria para um

grito”. É formado em Sociologia e Antropologia, pela Universidade Pedagógica, actualmente, exercendo docência ao mesmo tempo que se ocupa como Criativo de Publicidade, entre outras actividades ligadas ao empreendedorismo social.

DANY WAMBIRE nasceu em 1989, na província de Manica. Tem dezenas de textos publicados na imprensa nacional e em inúmeras antologias, no Brasil e em Portugal.

Mestrado em comunicação e Licenciado em Ensino de História, Dany Wambire actualmente é professor na Beira. O escritor coordena a Associação literária Kulemba e dirige a revista SOLESTRAS.

*A Adubada fecundidade e outros contos*, seu livro de estreia, foi distinguido com menção honrosa do *Prémio Internacional José Luís Peixoto* (2013). *O curandeiro contratado* pelo meu edil, colectânea de crónicas, é sua segunda obra publicada. A terceira é infanto-juvenil e intitula-se *Quem manda na selva*. Publicou em 2018 *A mulher sobressalente*.

DAVID BENE nasceu na Cidade de Manica em 16 de Agosto de 1993. Começa a escrever os primeiros textos com tenra idade por influência do pai. Colabora com diversos jornais e revistas literárias em Moçambique, Brasil, Portugal, Galiza e Japão. Tem trabalhos publicados em duas antologias em Portugal a destacar: *Palavras de Veludo* (Orquídea Edições, 2015) e *Poema-me* (Lua de Marfim Editora, 2015). É autor de *Akeldama* e *Campos de Imiscibilidade* (ambos no prelo).

Bene é Licenciado em Geologia pela Universidade Eduardo Mondlane, Mestre em Geologia Económica pela Universidade de

Akita (Japão) e Doutorando em Engenharia de Recursos Naturais na Universidade de Kyushu (Japão). Reside actualmente no Japão.

EDUARDO QUIVE é jornalista, escritor e produtor cultural. Enquanto jornalista tem passagem pela imprensa e televisão. É editor da LITERATAS – Revista de Artes e Letras de Moçambique ([www.literatasmz.org](http://www.literatasmz.org)). É membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa. Publicou, em 2012, sua primeira obra de poesia intitulada “Lágrimas da Vida Sorriso da Morte” e está publicado em antologias poéticas, em Moçambique, Angola, Brasil e Itália.

ELTON PILA (n. 30 de Agosto de 1992, Maputo), jornalista, membro do Movimento Literário Kuphaluxa, coordenador do Festival Literatas, Editor da Revista Literatas, jornalista do Magazine Independente e colaborador da Revista Índico.

HÉLIO NGUANE acredita em seus sonhos e transforma-os em verdade. Com amigos fundou o Mbenga e escreve o seu destino. Colaborou com periódicos dos PALOP's. É docente. Formado em Relações Públicas, Jornalismo e Publicidade e Marketing, também é fascinado pela pesquisa. É repórter do Jornal Notícias, o maior órgão de informação de Moçambique. Produz e sonoriza o programa radiofónico Cinema em Foco, que é difundido na RDP África.

HERMÍNIO ALVES é escritor e membro da Associação Movimento Literário Kuphaluxa. Actualmente está a formar-se em Gestão e Estudos Culturais pelo Instituto Superior de Artes e Cultura.

LEONEL MATUSSE JR. é licenciado em Jornalismo, tem interesse de pesquisa no campo das artes, identidade e cultura. É jornalista na página cultural do Jornal Notícias, Coordenador do site da Plataforma Mbenga Artes e Reflexões, docente na Escola de Jornalismo. Durante a formação foi monitor do Msc Isaías Fuel nas cadeiras de Jornalismo Especializado e Teorias da Comunicação. Na adolescência fez rádio, por um ano foi apresentador do Programa Mundo Sem Segredos, no Emissor Provincial da Rádio Moçambique de Inhambane. Além de matérias jornalísticas têm assinado crónicas, crítica literária, alguma dispersa de cinema e música. Escreve igualmente contos.

MATIANGOLA (Nélio Alice Nhamposse) é docente de Língua Portuguesa na Escola Secundária de Lionde, Chókwé, província de Gaza. Colaborou com os jornais “O País”, “Maratona” e Negócios, como revisor linguístico tendo também editado o semanário “O Nacional” e a LITERATAS – Revista de Artes e Letras. Membro do Movimento Literário Kuphaluxa, o seu livro de estreia em prosa publicado em 2016 tem como título “Jasmins e Chmabre”.

MÉLIO TINGA nasceu em Maputo. Escreve prosa ficcional. Publicou “O Voo dos Fantasmas” (Ethale Publishing, 2018), fez parte de “O Hambúrguer que Matou Jorge – Antologia de Contos Criminais Moçambicanos” (Ethale Publishing, 2017). Foi finalista do Prémio 10 de Novembro 2019, com o livro inédito “Outro Dia a Nuvem Evapora”. Dirige o Ventrículo - microjornal de contos. É colaborador permanente da Revista Literatas. Fez-se membro do Movimento Literário Kuphaluxa em 2013. É formado em Educação Visual pela Universidade Pedagógica. Exerce a profissão de designer de comunicação. Às vezes, lecciona no mesmo campo de actuação. É co-fundador da DESIGN Talk e editor da Revista DEZAINÉ.

PEDRO PEREIRA LOPES escreve contos, poesia, relatos de viagens, ensaios e publicou um romance. Da sua obra, de carácter experimentalista, destacam-se os livros de poesia infanto-juvenil “Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas” (2014) e “O comboio que andava de chinelos” (2019).

“mundo blue”, que encerra a sua trilogia de minúsculas, é o seu primeiro livro de poesia para os mais velhos.

Para o professor de artes, escritor e crítico literário António Cabrita, “Pedro Pereira Lopes é uma das vozes mais interessantes do novo panorama das letras em Moçambique” e “será iniludivelmente uma das figuras cimeiras da nova geração”.

VENÂNCIO CALISTO, mestrando em Teatro e Comunidade pela Escola Superior de Teatro e Cinema, Instituto Politécnico de Lisboa. Encenador e actor, trabalha com activismo cultural, e colabora com movimentos literários e companhias teatrais de Moçambique e Portugal.

VIRGÍLIA LEONILDE TEMBO FERRÃO nasceu a 3 de Outubro de 1986, na Cidade de Maputo em Moçambique. Em 2005 estreia com o lançamento da obra literária intitulada “O Romeu é Xingondo e a Julieta Machangane” sob chancela da Imprensa Universitária da UEM. Em Setembro de 2008 graduou-se no curso de Direito, no Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique (ISCTEM). Em 2011 parte para Melbourne, Austrália, para fazer o seu mestrado em Ambiente. A sua segunda obra, intitulada “O Inspector de Xindzimila” foi publicada em 2016 sob chancela da editora Brasileira Selo Jovem. Actualmente, trabalha para a Total E&P Mozambique Area 1, como consultora jurídica e é administradora do blog “diário de uma qawwi”. Foi galardoada com o Prémio Literário 10 de Novembro, 2019.

Saiba mais sobre COVID-19 [aqui](#).





Quinze destemidos autores jovens aceitaram o desafio de juntar-se, para, em época de pandemia oferecer estórias aos leitores. O resultado são estes quinze *Contos e crónicas para ler em casa*. Satíricos, irónicos, poéticos, realistas, brutais, os textos desta colectânea reúnem alguns dos mais talentosos escritores de uma geração literária promissora em Moçambique.

*Leia estes textos em casa!*

**LITERATAS**

WWW.LITERATASMZ.ORG